

# A N T I C L E R I C A L I S M O

---

## Ateísmo de pena, ateísmo de chumbo. Jean Meslier entre o silêncio e a explosão.

**H**ervé Baudry  
Universidade Nova de Lisboa  
[herveba@sapo.pt](mailto:herveba@sapo.pt)

---

### *Resumo*

Este texto foi apresentado durante uma sessão do Seminário do Prof. Luís Abreu, « Travessias do anticlericalismo ». Trata-se de aclimatar a questão do pensamento ateu moderno. Sem pretender fazer uma história do ateísmo em Portugal, problematiza-se a questão para futuros trabalhos em volta de Jean Meslier (1664-1729). As primeiras traduções foram imprimidas no fim do séc. XIX. Mas ficam muito fragmentárias, à imagem das pseudo-edições do século anterior. Daí, esboça-se a história do texto do *Mémoire*, das cópias manuscritas às primeiras impressões.

**Palavras-Chave:** Anticlericalismo, Ateísmo, Jean Meslier

---

### *Abstract*

This text, presented during the Seminary “Anticlerical crossings” by Prof. Luís Abreu, deals with the question of atheism in modern thought. Far from reporting its history in Portugal, it attempts to build its problematization in view of future works about Jean Meslier (1664-1729). The first translations of his *Mémoire* were printed at the end of the nineteenth century, but they are as partial as the pseudo-editions of the previous century. Hence, a historical sketch of the text of Meslier’s *Mémoire*, from the manuscripts to the first printings.

**Keywords:** Atheism, Enlightenment, Jean Meslier

«Travessias do anticlericalismo»: este campo é vasto. Mas na geografia do seu conhecimento e na arqueologia do saber, o campo das minhas operações aparece, até uma certa época, como subterrâneo, informando a superfície de maneira cada vez mais decisiva. Daí esta proposta inicial: o anticlericalismo é a doença infantil do ateísmo<sup>1</sup>. Mas tendo em conta as dificuldades e contrariedades na elaboração sempre actual da história do ateísmo, porque está em curso apesar do aparecimento de trabalhos consideráveis, como o livro de Georges Minois (*Histoire de l'athéisme*, Paris: Fayard, 1998) que, no dizer de Jean-Pierre Cavaillé, «preenche um vazio abissal (as histórias da irreligião são tão raras como abundam as histórias das religiões)<sup>2</sup>. Travessias do ateísmo? Quem se mete em atalhos... Seminário? Do latim *semen* que vem do verbo *sero*, *-ere*, semear. No seu poema, espelho do materialismo ateu da Antiguidade, Lucrécio escreve que os guerreiros da idade de ferro «semeavam as feridas»<sup>3</sup>. Portanto o saber não semeia só flores de dentes-de-leão, nem sempre cura feridas, mas abre-as! Temos duas para abrir:

1. o problema do ateísmo na cultura portuguesa;
2. a questão da primeira expressão completa do ateísmo especulativo com Jean Meslier (1664-1729).

1. A ideia inicial da presente reflexão visava a recepção da obra de Jean Meslier em Portugal. Tal estudo fica por fazer, a começar pelo seu aparecimento bibliográfico no séc. XIX<sup>4</sup>. No entanto, podemos fazer o ponto da situação sobre os trabalhos consagrados à história do ateísmo. Acerca da Europa do Norte e da França, há numerosos avanços que contrariam a história oficial das ideias, em particular do séc. XVII, em redor da problemática da libertinagem e das primeiras luzes. Quanto à Europa do Sul, a Itália e a Península Ibérica dependem em primeiro lugar do estatuto inquisitório dos regimes de expressão e de difusão do pensamento. Mas a noção de

<sup>1</sup> Do ponto de vista da axialidade e da prioridade histórica do ateísmo. Esta expressão deve ser também encarada como refutação do cliché, de origem platónica (*As Leis*, X, 884a–885b), tal como Claude Tresmontant o transmite: o ateu é uma pessoa anormal, sofrendo de uma «doença infantil» (*Le Problème de l'athéisme*, 1972; regra geral, à excepção dos textos assinalados, as traduções das citações feitas do francês são nossas).

<sup>2</sup> J.-P. Cavaillé, *Libertinage, irréligion, incroyance, athéisme dans l'Europe de la première modernité (XVI<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles). Une approche critique des tendances actuelles de la recherche (1998-2002)*, <[http://www.ehess.fr/centres/grihl/Textes/Cavaillé%20JP/Libertinage,%20etc.\(03.11\).doc](http://www.ehess.fr/centres/grihl/Textes/Cavaillé%20JP/Libertinage,%20etc.(03.11).doc)> note 56.

<sup>3</sup> *De Rerum Natura*, V, 1290 : «vulnera vasta serebant».

<sup>4</sup> António Pereira da Conceição, *Extrato do testamento de João Meslier cura de Etrepigny*, Porto : Typ. Alexandre da Fonseca Vasconcellos, 1877; *O Bom senso do cura Meslier: a razão d'um padre*. Tradução de M. ; com uma notícia de França Borges, Lisboa: Gomes de Carvalho, 1901, 328 p.; Lisboa : Typ. Francisco Luiz Gonçalves, 1901 (BN Lisboa).

ateísmo enquanto crime não segue a mesma visibilidade como consta dos quadros estatísticos elaborados a partir dos processos analisados pelos historiadores das Inquisições. No caso da Itália, aparece a acusação de ateísmo ; no da Espanha, o termo não existe mas só os de blasfémia e de heresia, atrás dos quais, mera hipótese para futuras pesquisas, se podem esconder atitudes ateístas ; nada no caso de Portugal<sup>5</sup>.

Acerca do ateísmo histórico, podendo ser definido com Winfrid Schröter como a « tradução filosófica de uma rebelião contra as religiões e os cleros, difusa nas sociedades da Europa moderna », a escassez dos dados e da pesquisa é flagrante no caso português<sup>6</sup>. Mas dado que, por um lado, vozes rebeldes estão documentadas com os processos inquisitórios a jusante, e peças a montante, como o pasquim anticlerical do séc. XVI<sup>7</sup>, e, por outro, a problemática da libertinagem e do ateísmo revela-se como cada vez mais europeia, a questão portuguesa deve ser abordada na perspectiva dos trabalhos actuais conduzidos segundo a premissa da permanência do ateísmo, da ausência da fé/crença religiosa nos moldes dominantes, ao contrário da outra premissa geralmente não discutida porque vista como óbvia, que procede « como se a fé fosse uma coisa simples e o estado natural da psicologia humana »<sup>8</sup>.

Mas não posso deixar de reconhecer que a tarefa será árdua, menos por causa do ambiente intelectual contemporâneo do que pela eficácia do sistema de controlo e repressão no passado. Pouco entusiasmante é a aparição da cultura portuguesa no fresco de Jonathan I. Israel sobre as Luzes radicais<sup>9</sup>, no que toca ao século XVIII. Duvido, pois, que haja colheitas abundantes e rápidas neste campo. Mas surpresas deve haver por aí a aguardar os investigadores. Daí o interesse de Jean Meslier e a sua aparição no último quarto do século XIX, no rasto do anticlericalismo radical em Portugal.

---

<sup>5</sup> Ver : Francisco Bethencourt, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Temas e Debates, 1996, p. 270-5 ; António Borges Coelho, *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668*, Lisboa : Caminho, vol. 1, p. 188-194. O primeiro caso de « ateísmo » julgado pelo Santo Ofício em Portugal aparece no início do séc. XVIII (ver *infra*, n. 9).

<sup>6</sup> J.-P. Cavaillé, art. cit.

<sup>7</sup> Rita Marquilhas, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa : IN/CM, 2000, p. 58, 327.

<sup>8</sup> J.-P. Cavaillé, art. cit.

<sup>9</sup> *Radical Enlightenment*, 2001 ; trad. francesa : *Les Lumières radicales*, Paris : Éditions Amsterdam, 2005, p.148-9, 598-602 ; J.-P. Cavaillé confirmou-nos que não há quase nada sobre Portugal nos estudos de Sergio Zoli (*Dall'Europa libertina all'Europa illuminista* ; ver também *infra* n. 14). Sobre a problemática do « ateísmo » em Portugal no séc. XVIII na ocasião do processo de Manuel da Cunha Falcão (1703-1705), ver Luís Machado de Abreu, « Le spinozisme et l'Inquisition au Portugal » in *Bulletin de l'Association des amis de Spinoza*, n° 18 (1987), p. 2-9.

2. O problema das condições de expressão da palavra/voz atea é o nosso segundo ponto. Permitam-me precisar que esta reflexão inscreve-se numa dupla perspectiva: 1) a da edição da obra de Jean Meslier em francês e de um trabalho sobre a problemática contemporânea do ateísmo; 2) a das reflexões desenvolvidas no quadro deste seminário sobre as condições de possibilidade da voz anticlerical nos nossos dias<sup>10</sup> e uma tentativa de esquematização cujo objectivo era manifestar a centralidade do facto ateu na ontogénese assim como na história da cultura ocidental<sup>11</sup>.

Começemos por fixar algumas certezas absolutas. Jean Meslier, pároco, ou cura, de uma aldeia do norte da França, não foi o primeiro ateu da história na era cristã. Também não foi o primeiro homem da história da humanidade que exprimiu uma visão pura e exclusivamente desencantada, atea, do mundo e da existência. Tinha trinta anos quando nasceu Voltaire (1694-1778), tornou-se padre em 1688 e no ano seguinte instalou-se na sua paróquia, Etrépigny, para aí morrer quarenta anos mais tarde, em 1729, deixando para os vivos a sua obra manuscrita. Define-se este autor como inteiramente póstumo. O título do seu texto é *Mémoire des pensées et des sentiments de J... M... [...] pour être adressé à ses paroissiens après sa mort pour leur servir de témoignage de vérité [...]*.

Do ponto de vista da história do livro, há dois aspectos a salientar do seu *Mémoire des pensées et des sentiments* : a sua génese e a sua recepção. Sobre o segundo aspecto, basta dizer o seguinte: a primeira publicação integral do *Mémoire* data de 1864 e foi obra de um Holandês de Amsterdam, Rudolf Charles<sup>12</sup>; a segunda, fruto de um trabalho científico colectivo, viu a luz no início dos anos de 1970 em Paris<sup>13</sup> ; duas edições integrais são publicadas em 2007 (Soignies (BE), Éditions Talus d'approche et Paris, (Éditions Coda).

Os pensamentos e sentimentos de Jean Meslier espalharam-se rapidamente após a sua morte, conhecendo o destino dos manuscritos clandestinos, isto é passando a ser copiados. Daí o estema abreviado deste texto :

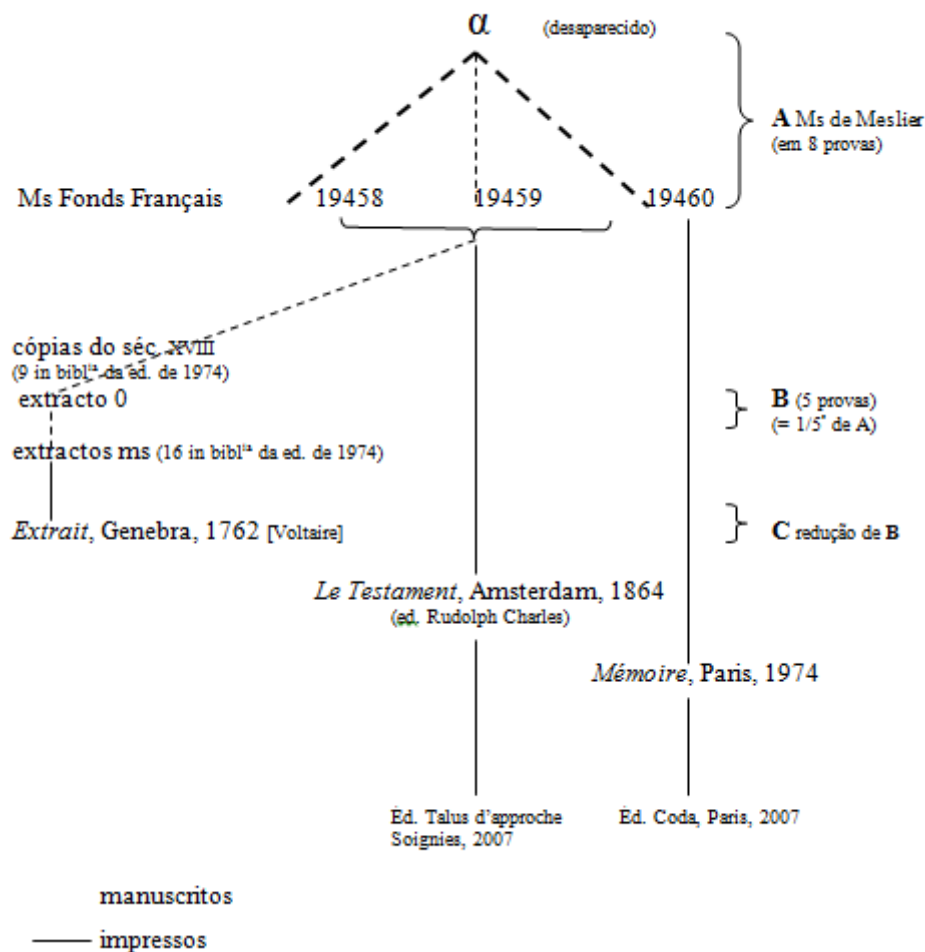
<sup>10</sup> « La parole anticléricale est-elle toujours actuelle? » in *Actas do Colóquio O Anticlericalismo português : história e discurso*, coord. Luís M. de Abreu, António J. R. Miranda, Universidade de Aveiro, 2002, p. 327-347.

<sup>11</sup> « Essai de schématisations de l'athéisme (ontogenèse, diachronie) » in *O Anticlericalismo português*, Luís Machado Abreu ed., Universidade de Aveiro, 2006, p. 165-177.

<sup>12</sup> Jean Meslier, *Le Testament*, Amsterdam : R. C. Meijer, 1864, 3 tomos ; reprint Georg Olms Verlag, 1974.

<sup>13</sup> Jean Meslier, *Œuvres complètes*, Préfaces et notes par Jean Deprun, Roland Desné, Albert Soboul, Paris : Éditions Anthropos, 1972-4, 3 volumes.

Estema do *Mémoire* de Jean MESLIER



Meslier tinha deixado três cópias autógrafas, que apresentam entre si algumas diferenças de pormenor. As cópias dessas cópias nunca são idênticas. Mas esta obra não foi conhecida à grande escala através da integral, mas de extractos correspondendo a menos de dez por cento do original que também se multiplicaram e circularam cedo no mundo francófono do século XVIII. E é a partir de um desses extractos que Voltaire, em 1762, publica o seu próprio extracto, encurtando ainda mais e suavizando o teor do original. Portanto o verdadeiro Meslier não chegou ao público das Luzes em geral. Ficou ateu de pena. Quanto ao chumbo, passou a divulgar um pensamento falsificado. Nesta tendência, nenhum filósofo, radical ou não, assumiu a obra. Sob o nome de Meslier, D'Holbach inventou um texto, *O Bom senso do cura Meslier*, que teve êxito até o século XX.

Agora, viremo-nos para montante da obra, a génese do *Mémoire* como primeira expressão do ateísmo no Ocidente cristão por um homem, insistamos, que não é o primeiro ateu. Oficialmente é com o *Mémoire* de Meslier que começa essa história do ateísmo sistemático, filosófico, dito por alguns especulativo (para o diferenciar do ateísmo prático). Mas todo o trabalho actualmente desenvolvido no quadro da história da libertinagem europeia<sup>14</sup> visa articular o facto irrefutável da existência de ateus/ateístas à questão da declaração/expressão do ateísmo. Esse capítulo da história das ideias é portanto a história do silêncio, da dissimulação e da clandestinidade. As questões surgem: por que não aconteceu mais cedo? e, porquê ele, um padre, um «funcionário de Deus» (Eugen Drewermann)? Pensemos em Andreï Sakharov; o pai da bomba atómica soviética (Agosto de 1953 em Kurchatov) tornou-se o seu adversário mais obstinado. A sua fé no regime comunista, a participação na sua defesa, inventando o meio mais mortífero, não o impediu de inverter radicalmente a sua ideologia. Sejam quais forem as diferenças entre as épocas e os homens, não há razão para enfrentar diferentemente as posturas perante a crença e o empenho.

Michel Onfray explica a redacção do *Mémoire* pelo «desejo [de Meslier] de ir além da contradição psicológica pessoal» e pelo alívio da tensão do solitário submetido a «insuportáveis problemas de consciência»<sup>15</sup>. A psicologia ajuda, pois, a resolver o que nós consideramos *a priori* como uma insuperável contradição: agir de uma maneira, pensar e escrever ao invés. Mas parece que esta pressuposta tensão pode não ter sido tão dramática. Jean Meslier alude à sua pouca fé desde cedo e explica que se tornou padre para obedecer aos seus pais<sup>16</sup>, o que não ilustra propriamente o itinerário de uma

<sup>14</sup> Sergio Zoli, *L'Europa libertina. Bibliografia generale*, Firenze, 1997.

<sup>15</sup> M. Onfray, «Jean Meslier and "The Gentle Inclination of Nature"» in *New Politics*, X, 4, Winter 2006 (<http://www.wpunj.edu/~newpol/issue40/Onfray40.htm>) ; tradução da lição dada na Universidade Popular de Caen (França) em 2005 (pode ser ouvida on-line : [http://www.radiofrance.fr/chaines/france-culture2/ete2005/onfray/fiche.php?diffusion\\_id=42910](http://www.radiofrance.fr/chaines/france-culture2/ete2005/onfray/fiche.php?diffusion_id=42910)).

<sup>16</sup> Durante a discussão que se seguiu, o Professor José Augusto França levantou a questão do ateísmo de Meslier poder originar-se no complexo de Édipo (morte de Deus/do pai). Maurice Dommanget já respondeu à tal abordagem, dizendo, no que toca à sua infância, que « qualquer esquema de explicação psicanalítica deve ser excluído » (M. Dommanget, *Meslier. Athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV*, Paris : Julliard, 1965, p. 14). Este dogmatismo deve-se à inexistência de dados sobre os primeiros anos da vida do futuro cura. Digamos que a « morte de Deus » como resolução de um problema filosófico não encontra mais explicação assim com Meslier do que com Nietzsche, o qual tematiza como é sabido na sua obra o anúncio que fez Schlegel, no início do século XIX, embora tivesse escrito durante a sua adolescência páginas dignas de um bom aluno de catequese (ver os seu primeiros escritos). Aliás, nota-se que recorrer à abordagem freudiana equivaleria a confirmar a tese dos pedotécnicos de Genebra (Pierre Bovet e Jean Piaget), segundo os quais o sentimento religioso não é nada senão a piedade filial, e Deus e a religião, construções posteriores (P. Bovet, *Sentiment religieux et la psychologie de l'enfant*, Institut Jean-Jacques Rousseau, Paris-Neuchâtel : Delachaux et Niestlé, sd [1925] ; J. Piaget, *la Représentation du monde chez l'enfant*, Paris : PUF, 1947, reed. 2005).

vocação eclesiástica. Quanto à sua própria consciência do paradoxo, para uns, da contradição para outros, eis o que ele escreve:

Vous direz peut-être, mes chers amis, que c'est en partie contre moi-même que je parle, puisque je suis moi-même du caractère et de la même profession de ceux que j'appelle ici les plus grands abuseurs de peuples. Je parle, il est vrai, contre ma profession, mais nullement contre mon inclination, ni contre mes propres sentiments car je n'ai jamais guère été de légère croyance, ni guère enclin à la superstition, je n'ai jamais été si sot que de faire aucun état des mystérieuses folies de la religion [...]<sup>17</sup>.

De facto, deve haver muitos banqueiros que detestam o dinheiro. Tal sentimento não os impede de abrir linhas de crédito ou entregar a chave do cofre das mil maravilhas. Do ponto de vista psicológico, um padre descrente não é mais incrível do que um banqueiro anarquista. Fundamentalmente, psicologicamente, não se deve considerar a situação de Meslier como o paradoxo absoluto do padre ateu, já que sabemos que não foi o primeiro.

Mas esta via psicológica só visa explicar uma suposta contradição interna. Não inscreve o gesto declarativo de Meslier no campo histórico da libertinagem e do ateísmo nos séculos XVII e XVIII. O *Mémoire* não é um puro *hapax*. Clandestino mas não totalmente anónimo, este texto figura ao lado de outros textos clandestinos. Antes dele, houve o *Theophrastus redivivus* (1659), uma das duas versões dos *Três Impostores*, *L'Esprit de Espinosa*. Estes e outros não são fontes para Meslier, mas balizam a nossa história até ele. O *Mémoire* coloca a questão não tanto das razões de um padre ter sistematizado o ateísmo moderno como das condições de expressão dessa postura, dentro do dilema entre o silêncio e a declaração manuscrita ou impressa. Desta maneira, a história do ateísmo não é a história de um sentimento, de uma certeza pessoal mas a da possibilidade da sua afirmação como possibilidade material e conceptual. Isto significa a reapropriação das palavras. Como diz J.-P. Cavallé, «falta dar conta da impossibilidade estrutural, até ao século XVIII, de declarar a libertinagem e o ateísmo pelas próprias palavras». Ora, a história dessa reapropriação e da difícil e perigosa reconquista da palavra atea pode ser recuada até ao ano de 1417 em que Poggio

<sup>17</sup> Jean Meslier, *Mémoire des pensées et des sentiments*, Soignies : Talus d'approche, 2007, vol. 1, p. 88-89. « Direis porventura, meus caros amigos, que é em parte contra mim mesmo que falo, uma vez que pertenço à classe e à qualidade daqueles que chamo aqui os maiores mistificadores do povo. Falo, é certo, contra a minha profissão, mas não contra a verdade, e não contra aquilo em que acredito. Com efeito, do mesmo modo que nunca fui dado a crenças superficiais, nem tão pouco à beatice nem à superstição, e nunca fui tão estúpido que denunciasses as misteriosas loucuras da religião [...]. » (Jean Meslier, *Memória. Excertos*, Lisboa : Edições Antígona, 2003, p. 34, trad. Luís Leitão.)

descobriu um manuscrito do poema de Lucrécio, e não começar apenas em 1729, quando os confrades de Meslier descobriram as três cópias do seu *Mémoire*. Esta data fixa um termo mais do que um início. O pensamento clandestino encontra aí o seu clímax. Por outro lado, esta « bomba filosófica » (M. Onfray) ultrapassa as Luzes radicais. As ideias de Meslier sobre os poderes religiosos e políticos já são as dos *Enragés* de 1793. A célebre frase de um homem do povo relatada por Meslier, ilustra o extremismo já mais que moderno ao lado do qual o voltairianismo ocupa de pleno direito o seu lugar de pensamento pequeno-burguês dos futuros Homais. Este homem, escreve o autor, « gostaria de ver todos os grandes da Terra e todos os nobres enforcados e estrangulados com tripas de padres »<sup>18</sup>.

O *Mémoire* de Meslier é a obra secreta de um homem só que sabe não ser o único a pensar dessa maneira. Numerosos, pensa ele, são os sábios que partilham as mesmas verdades sobre as imposturas que denuncia, mas ficam calados. Ele fala por todos, querendo « poder fazer ouvir a [sua] voz ». Talvez o seu sofrimento seja mais forte neste aspecto do que do lado psicológico. É uma profunda dor intelectual. A sua voz não faz ouvir um *de profundis*. A certeza absoluta de deter a verdade, como outros, fundamenta a argumentação materialista e ateia. É movido por uma energia e convicção de homem vivo que não teme a morte. A morte, na reapropriação da palavra ateia em Meslier, é o facto que faz a mediação entre ele, escritor clandestino, e o espaço público. O seu *Mémoire* é um testemunho. E passou, a partir da segunda edição, anónima, do *Extrait* de Voltaire (Genebra, 1762) por um testamento, para ficar como o título da edição de 1864. *Memória, testemunho, testamento*<sup>19</sup> : em todos os casos, a obra deve ser encarada como um acto visando um impacto sobre o público através da sua formalização jurídica. Veracidade e validação vão juntas. Estilisticamente, o autor fala para os seus vizinhos, párocos e fiéis. Mas consigna o texto no cartório (*greffe*) da justiça da paróquia. Foi como se a primeira palavra aberta e plenamente ateia tivesse que ser um legado oficializado, procurando escapar ao anonimato dos manuscritos que circulavam. Para Jean Meslier, o escândalo da verdade era para explodir, e não para circular como qualquer rumor. Para ele, o ateísmo não é uma doença vergonhosa. Daí o carácter provisional da declaração e a sua encenação através da revelação póstuma.

<sup>18</sup> Jean Meslier, *Memória*, ed. citada, p. 50 (modifiquei o fim segundo o original : «avec des tripes de prêtres»).

<sup>19</sup> Para Roland Desné, trata-se bem de um « mémoire » mais do que de um testamento (« Le titre du manuscrit de Jean Meslier : “testament” ou “mémoire” ? » in *Mélanges Jean Fabre*, Paris :Éditions Klincksieck, 1974, p. 155-165). Relembremos que em francês a palavra *mémoire* é do género feminino no sentido psicológico e masculino no sentido literário.



Portanto, mais do que a negatividade da tensão, isto é a reclusão na escrita e na cópia – ateísmo de pena –, da palavra nunca proferida e ainda menos impressa – ateísmo de chumbo –, e da máscara, é a positividade da sua atitude existencial perante o absoluto da morte e a conservação desta palavra para transmissão ao público da vizinhança e, no horizonte, da própria humanidade, que tende a assegurar a reapropriação dos meios de expressão do ateísmo no padre Meslier. O livro é tudo, o autor nada. O *Mémoire* acaba com estas palavras: «Termino pois isto com o nada. Também já sou pouco mais que nada e, em breve, não serei nada.» Este niilismo não deve passar por marca de desespero, mas antes pelo seu contrário. É precisamente a expressão nas suas próprias palavras do anti-idealismo e do radicalismo ateu.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Luís Machado de, «Le spinozisme et l’Inquisition au Portugal» in *Bulletin de l’Association des amis de Spinoza*, nº 18 (1987), p. 2-9
- BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa, Temas e Debates, 1996, p. 270-5
- CABANTOUS, Alain, *Histoire du blasphème en Occident*, Paris : Albin Michel, 1998
- CAVILLE, Jean-Pierre, *Libertinage, irréligion, incroyance, athéisme dans l’Europe de la première modernité (XVI<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles). Une approche critique des tendances actuelles de la recherche (1998-2002)*, <[http://www.ehess.fr/centres/grihl/Textes/Cavaille%20JP/Libertinage,%20etc.\(03.11\).doc](http://www.ehess.fr/centres/grihl/Textes/Cavaille%20JP/Libertinage,%20etc.(03.11).doc)>
- CONCEIÇÃO, António Pereira da, *Extrato do testamento de João Meslier cura de Etrepigny*, Porto : Typ. Alexandre da Fonseca Vasconcellos, 1877
- COELHO, António Borges, *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668*, Lisboa : Caminho, vol. 1, p. 188-194.
- DESNE, Roland, «Le titre du manuscrit de Jean Meslier : “testament” ou “mémoire” ?» in *Mélanges Jean Fabre*, Paris :Éditions Klincksieck, 1974
- DOMMANGET, Maurice, *Meslier. Athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV*, Paris : Julliard, 1965
- ISRAEL, Jonathan, *Les Lumières radicales*, Paris : Éditions Amsterdam, 2005
- MARQUILHAS, Rita, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa : IN/CM, 2000
- MARCOCCI, Giuseppe e Paiva, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa*, Lisboa : A Esfera dos Livros, 2013, p. 77-104
- MESLIER, Jean, *Le Testament*, Amsterdam : R. C. Meijer, 1864, 3 tomos ; reprint Georg Olms Verlag, 1974

MESLIER, Jean, *Le O Bom senso do cura Meslier: a razão d'um padre*, Lisboa: Gomes de Carvalho, 1901

MESLIER, Jean, *Le Œuvres complètes*, Préfaces et notes par Jean Deprun, Roland Desné, Albert Soboul, Paris : Éditions Anthropos, 1972-4, 3 volumes.

MESLIER, Jean, *Le Memória. Excertos*, Lisboa : Edições Antígona, 2003

MESLIER, Jean, *Le Mémoire des pensées et des sentiments*, Soignies : Talus d'approche, 2007, 3 vol.

MINOIS, Georges, *Histoire de l'athéisme*, Paris : Fayard, 1998

ONFRAY, Michel, «Jean Meslier and "The Gentle Inclination of Nature"» in *New Politics*, X, 4, Winter 2006 (<http://www.wpunj.edu/~newpol/issue40/Onfray40.htm>)